

A INVISIBILIDADE DOS PROFISSIONAIS DE SERVIÇOS GERAIS: NARRATIVAS DE DENTRO PRA FORA¹

Josilene Souza Freitas²

RESUMO

Este texto tem por finalidade analisar a invisibilidade e a humilhação social enfrentadas pelas trabalhadoras na área de limpeza da cidade de Santo Amaro, Bahia. A apresentação da discussão visa identificar o preconceito enfrentado por essas profissionais com a intenção de apresentar situações verídicas de mulheres que encaram diversas situações desagradáveis por falta de consideração respeitosa no setor.

Palavras-chave: Empregados de limpeza. Negras - Santo Amaro (BA). Preconceitos - Santo Amaro (BA).

ABSTRACT

This text aims to analyze the invisibility and social humiliation faced by the workers in the cleaning area of the city of Santo Amaro, Bahia. The presentation of the discussion aims to identify the prejudice faced by these professionals with the intention of presenting truthful situations of women facing various unpleasant situations due to lack of respectful consideration in the sector.

Keywords: Black woman - Santo Amaro (BA). Cleaning personnel. Prejudices - Santo Amaro (BA).

¹ Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Juliana Dourado Bueno.

² Bacharelanda em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

Este texto tem por finalidade analisar a invisibilidade e a humilhação social enfrentadas pelas trabalhadoras na área de limpeza da cidade de Santo Amaro, Bahia. A apresentação da discussão visa identificar o preconceito enfrentado por essas profissionais com a intenção de apresentar situações verídicas de mulheres que encaram diversas situações desagradáveis por falta de consideração respeitosa no setor.

O interesse pelo tema se deu em razão de minha experiência pessoal e também da sensibilização que tive a partir do debate promovido por Conceição Evaristo sobre o tema da “escrivência” – que diz respeito ao relato de experiências de mulheres negras. A ideia é narrar as experiências e trazer informações que contribuam para o debate sobre a invisibilidade dessas trabalhadoras na sociedade, tendo como ponto de partida minha trajetória de vida e o relato de colegas que dividem comigo a ocupação de auxiliar de serviços gerais.

Além da “escrivência”, nos apoiamos também nos estudos desenvolvidos por Manuel Querino (sobre a “escrita do eu”) e Sílvio Mateus Santos (sobre a autoetnografia).

O multifacetado Manoel Raymundo Querino nasceu em Santo Amaro-Bahia em 1851. Era um homem negro, órfão, que dentre os ofícios que exerceu durante a sua vida pode destacar o artista, professor, intelectual, político e militante. Em suas diversas obras escritas abordava temas como o cotidiano da cidade de Salvador, a herança africana nos costumes brasileiros, mas suas grandes inquietações eram com a vida do negro trabalhador e dos artistas desprezados pela República e com o lugar ou não lugar desses operários no pós-Abolição.

Para Querino outras preocupações pertinentes eram quanto ao desprezo social e o destino de trabalhadores livres e libertos pela lei de 13 de maio de 1888 cujo o alvo eram os pobres, negros, os artistas e a população trabalhadora, já que houve uma grande injustiça durante quase quatrocentos anos de trabalhos forçados que sofreram (LEAL, 2016). Consoante a estes fatos Manoel Querino concluiu que além de ‘humilhado socialmente’, essas pessoas eram humilhadas e discriminadas culturalmente por se tratar da sua origem étnica.

Manoel Querino destacava a importância da influência cultural e histórica na construção da sociedade brasileira no qual rebateu a teoria racista de Nina Rodrigues que se referia ao negro como raça inferior (LEAL, 2016).

Sílvio Matheus Alves do Santos (2017) baseia-se no método autoetnográfico como possibilidade de se desenvolver uma pesquisa baseada em sua própria experiência de vida.

Deste modo, ele desenvolve sua argumentação na qual é possível fazer autoetnografia como metodologia científica e empírica.

Com as narrativas a partir das experiências vividas por ele no local de trabalho no qual foi discriminado por conta do fenotípico negro, ficando disponível para ele só serviços braçais, está obvio que o preconceito daqueles recrutados mediante a sua cor da pele dispensa qualquer atributo intelectual.

Deste modo, pode-se conceituar a autoetnografia como “a maneira de construir um relato (‘escrever’) sobre um grupo de pertença (‘um povo’) a partir de si mesmo (da ótica daquele que escreve)” (SANTOS, 2017, p. 218). Ainda de acordo com o autor (SANTOS, 2017), o método é amparado em um modelo triádico com três orientações: metodológica, cultural e orientação de conteúdo. A grande vantagem da pesquisa autoetnográfica é a liberdade do processo investigativo, pois ele próprio (pesquisador) elabora *quem, o quê, quando, onde e como* será esse método.

Feitas essas considerações, passarei para as próximas seções do artigo: primeiramente será narrada minha trajetória de vida, apresentando elementos nos quais a humilhação social, a invisibilidade e a resistência se mostram presentes em minhas vivências; em seguida, será apresentada uma breve reflexão sobre a maneira com que Costa (2004) e Gonzalez (2014) abordaram o tema da invisibilidade dos trabalhadores da limpeza e das mulheres negras, respectivamente. Em seguida, serão tecidas algumas considerações finais.

2 TRAJETÓRIA DE VIDA – NARRATIVA SOBRE VIOLÊNCIA, INVISIBILIDADE E RESISTÊNCIA

Meu nome é Josilene Souza Freitas, nasci na cidade de Cachoeira-BA³, no terreiro de candomblé Lobanekun Filho, onde minha avó Lira era a mãe de santo. Foi nesse terreiro que a minha mãe foi fazer a iniciação ritual como uma iniciante das práticas do candomblé (como se fosse um ritual de passagem de abian para um iaô⁴. Tendo assim então responsabilidades tanto com o orixá (dono da sua cabeça) como também compromissos com os terreiros durante e após as festas. Como naquele tempo as pessoas que faziam o santo teriam que permanecer

³ Cachoeira é patrimônio da Humanidade, cidade heroica a margem do rio Paraguaçu, cidade com um vasto sítio cultural, cidade da Irmandade da Boa Morte, Festa d’ajuda, São João cidades das igrejas e dos terreiros de Candomblé de mãe Filhinha, Lira, Baratinha, Delecy entre outros.

⁴ Termo dado ao componente do terreiro que a partir da obrigação da feitura do santo passa a ser considerado como filha ou filho de santo.

um tempo de resguardo que era um tempo que esse iaô teria que permanecer no terreiro separado de alguns hábitos do seu cotidiano foi justamente nesse período que eu nasci. Só que infelizmente fui registrada como se tivesse nascido em Salvador.

Eu nasci muito clara e meu pai demorou um pouco para fazer o registro em Salvador como se eu tivesse nascido na rua Travessa Mascarenha de Moraes, 31 antigo bairro do Jardim Cruzeiro. Não consegui resposta para saber o porquê não fui registrada em Cachoeira.

Sou filha de militar aposentado, meu pai, em minhas memórias, foi aquele homem do seu tempo sisudo de pouco diálogo com seus filhos sem muitas demonstrações de afeto para sua prole. Nossa relação sempre foi conturbada, principalmente na adolescência quando minha mãe estava construindo o terreiro vivíamos em “pé de guerra” pois eu não aceitava que ele distorcesse a boa índole de minha mãe.

Certa feita minha mãe estava em Cachoeira e eu como sempre era responsável pelos meus irmãos, pois bem, naquele tempo a merenda de pobre era banana e laranja os meus irmãos depois de ter merendado jogaram no vaso sanitário a casca da laranja e conseqüentemente entupiu. Meu pai ao chegar a noite foi utilizar o vaso e suas fezes não desciam, ele me chamou e perguntou o que tinha acontecido e eu disse que não sabia. Logo em seguida ele mandou eu tirar aqueles excrementos do vaso sanitário, fui providenciar um saco para envolver na mão para não ter o contato com as fezes dele, mas ele disse que suas fezes eram limpas que era para eu pegar as fezes com a mão sem a necessidade do saco. Quando minha mãe chegou relatei o acontecido, houve uma grande discussão entre os dois e ainda quase levei uma surra dele, só não concretizou pois minha mãe interveio. Para mim é muito difícil relatar esses acontecimentos que evidenciam a violência e a humilhação ao longo de minha vida, mas às vezes se faz necessário quebrar a barreira do silêncio e expor cicatrizes que o tempo não apaga mais volta e meia ela ressurge em minhas lembranças. Além disso isso também pode servir para desconstruir o pensamento do poder patriarcal na cabeça de outros homens “pais”.

Durante minha infância, cabia a minha mãe o papel de educar, cuidar dos filhos, cuidar da casa e ainda providenciar com alguns *bicos* proventos para ajudar com as despesas da casa já que o dinheiro que meu pai dava dificilmente supria os gastos com a alimentação de uma família com seis filhos. Uma dona de casa, na época semianalfabeta, com seus saberes tradicionais, minha mãe era rezadeira, parteira curandeira e também lavava roupa de ganho, vendeu acarajé, e ainda conseguia tempo para zelar das coisas dos seus orixás.

Lembro-me muito bem das noites que ela acordava várias vezes, sempre era o mesmo ritual – para dar um mingauzinho ou prevenir que fôssemos picados por insetos. Como no local onde morávamos tinha muitas muriçocas pois residíamos em cima de palafitas e era tempo muito difícil (nem todos tinham condições financeiras para ter *Baygom* em suas casas), para espantar esses mosquitos tinha, nas melhores hipóteses, espiral de fumaças, ou usava a prática de queimar panos ou na vela mesmo matando um a um aqueles mosquitos e praguejando pois estava sugando o sangue dos filhos dela e mais uma vez minha mãe acordava para cobrir os filhos.

Fui criada em Salvador onde minhas lembranças da casa de madeira sobre as palafitas quando criança tinha muito medo de passar sobre aquelas pontes de madeira que balançavam muito. Em minhas lembranças que me vem a memória são as brincadeiras de criança como capitão, brincar de macaco, roda, e quando estávamos em Cachoeira sempre nos meses de junho e dezembro quando geralmente era a época das obrigações no terreiro de minha avó fazíamos quitutes em companhia das filhas das irmãs de santo de minha mãe onde todos eram uma só família, tias e tios primas e primos.

Tenho uma certeza que tive uma mãe guerreira que se esforçou para sempre dar o melhor para os seus s filhos. Naquele tempo uma casa com seis crianças e só quem trabalhava era meu pai era uma vida muito dura mas tínhamos dentro do possível o básico. Como irmã mais velha e mais uma vez permeando pelo caminho do patriarcalismo as tarefas de casa eram responsabilidades minhas. Tinha que lavar as louças e roupas, cuidar das crianças, arrumar casa, fazer e distribuir o almoço. Enquanto meu irmão se incumbia para ir para rua comprar pão e algo que precisasse fazer na rua era papel dele.

Aos quinze anos me casei tive minha primeira filha parei de estudar pois precisava trabalhar, já que meu casamento não deu certo. Precisava trabalhar para o meu sustento e de minha filha mas depois de um tempo retornei os estudos me formei no Ensino Médio em 1993.

Casei aos 15 anos querendo me libertar da vida que levava na casa dos meus pais só que foi um ledó engano minha situação só piorou, continuava a morar na casa de meus pais e agora mais que nunca pois no momento tinha uma filha pra sustentar. Após 8 meses de casada separei do meu marido e pai de minha filha retomei meus estudos pois tinha parado em consequência da gravidez fui trabalhar como empregada na cozinha dos brancos onde fui humilhada devido a posição de doméstica pois para aqueles “senhores e senhoras de engenho” do século XXI se achavam no direito de separar os pratos, os talheres e os copos que eu

utilizava. Davam as sobras das comidas pois a empregada tinha que sempre comer os restos, achavam que podiam me assediar ou até mesmo me propor a deitar com ele só pelo fato de um pensamento que foi construído ao longo do período escravagista.

Em certa ocasião eu morava na invasão na Baixa do Petróleo quando entraram no meu barraco e levaram meu botijão estava trabalhando para um senhor de aproximadamente sessenta e poucos anos e ao chegar no trabalho relatei que tinham invadido minha casa e levado meu botijão. Esse senhor me chamou a parte e se ofereceu para me ajudar não sabendo eu que as intenções dele eram outras. Disse que me daria o botijão desde que me deitasse com ele quando sua esposa fosse passar o carnaval na casa dos filhos na ilha. Ele mandaria ela na frente depois ele iria. Sua esposa era uma senhora que foi acometida de AVC (Acidente Vascular Cerebral), e se encontrava sempre no quarto. Certo dia ainda não tinha acontecido a viagem, eu estava limpando a parte superior do armário em cima de uma escada, ele veio por trás e abraçou minhas pernas. Naquele momento gelei, senti uma mistura de ódio e nojo, não esperei a esposa dele viajar, no outro dia pedi o botijão coloquei na cabeça e fui para casa e não retornei mais pois justo naquele dia sua esposa viajaria resultado não recebi meus dias trabalhados já que eu não queria mais retornar para aquela casa.

Trabalhei como empregada doméstica durante quatro anos até que uma amiga me chamou para substituí-la no banco como auxiliar de serviços gerais. Embora em todas as vezes que sonhava em um emprego pensava sempre em atendente ou secretária de alguma repartição, ainda que nos anúncios dos jornais daquela época frisava sempre nas características para ocupar tal função teria que ter “boa aparência”. Que só hoje depois de entrar na UNILAB sei que “boa aparência” é essa, são os pensamentos construídos por uma concepção de mundo e de beleza eurocêntricas.

Na verdade eu prestei o Enem mais como incentivo para minhas filhas adolescentes, em momento algum achava que poderia cursar um ensino superior, por dois motivos: achava que a universidade pública era para os ricos, e a particular eu não tinha recursos para financiar já que sou eu que arco com o sustento de minha família e com salário de auxiliar de serviços gerais não tinha recurso para financiar um curso superior. Só que quando vim morar na cidade de Santo Amaro que soube através de uma conversa com uma professora que trabalhava no colégio que poderia ter acesso às informações da existência da Unilab. Foi quando em 2016 prestei o Enem mais uma vez e consegui entrar na universidade, no curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades. Para além do conhecimento que obtive durante esses quase três anos que ingressei na Academia também pude desconstruir pensamentos que até então

convivi e perceber que a violência e humilhação a que estive submetida ao longo da minha vida é um resquício deixado pelos colonizadores onde introduziu um pensamento de inferioridade na mente do povo negro.

Para mim os meus momentos de felicidade são quando estou com meus familiares todos juntos compartilhando de uma mesma alegria lembrando e resenhando dos acontecimentos quando éramos crianças até das nossas próprias angústias, é motivo de riso quando relembramos os acontecimentos. Já a minha entrada na academia como sempre falo “caí de paraquedas” na UNILAB, como costume falar estava me recuperando de uma separação traumática e cirurgia para retirada da vesícula tinha mais de 25 anos que estava fora da sala de aula foi muito difícil pois havia começado as aulas, lembro-me bem que não sabia o que era fichamento muito menos laudas pois no tempo de escola os professores se referenciavam como páginas imagine que para mim era tudo novo. Foi na Unilab que pude ter acesso à desconstrução do pensamento no qual o colonizador construiu acerca do negro e que ao longo do tempo internaliza como um ser inferior embora sempre resisti ao longo da vida a esse tipo de categorização, principalmente na área da profissão que sempre exerci: Auxiliar de Serviços Gerais. Esta função era opressora devido à função que é estabelecida (limpeza) teria que estar sempre de cabeça baixa, não ter conhecimento algum e não lutar pelos seus direitos, muito menos correr atrás dos objetivos. Mas no meu livro de cabeceira que tenho a palavra de ordem é Determinação e Perseverança.

3 TRABALHADORAS DA LIMPEZA – EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES TEÓRICAS

Em fevereiro de 1993, quando tinha 25 anos, eu, mulher negra formada em técnica em contabilidade pelo Colégio Estadual Alípio Franca, após concluir o Ensino Médio tinha sonhos em um dia ter um emprego, mas que fosse de secretária ou atendente de uma clínica, não aquele que sempre era referenciado por minha cor de pele “negra” ou classe social “pobre”. Não desmerecendo outras classes trabalhadoras (como minha mãe sempre dizia “trabalho é honra”), por quase 18 anos trabalhei prestando serviços em um determinado banco privado, no qual sofri inúmeras humilhações de funcionários e clientes. Nesse cenário muitas das vezes sentia-me invisível ou até mesmo minha autoestima muito pra baixo, pois quando estava fazendo a limpeza do ambiente os clientes entravam e não me cumprimentavam,

todavia, quando estavam perto dos atendentes ou gerentes do banco me cumprimentavam sem, contudo, olhar-me nos olhos.

Em certa ocasião havia um funcionário que estava substituindo o gerente que se encontrava de férias, depois de ter concluído minhas tarefas diárias sentei-me no setor de atendimento para conversar com o vigilante e com uma funcionária de um supermercado local, já que a agência se encontrava fechada para o público, o mencionado gerente chamou-me e perguntou-me se não havia nada para fazer na cozinha ou no banheiro. Em seguida, disse-me para ir à cozinha ou ao almoxarifado procurar o que limpar, pois aquele local não era lugar pra eu estar. Naquela ocasião passei a manhã chorando pensando nas palavras daquele gerente, nunca pensei que um ser humano pudesse analisar as pessoas pela função que exercem, mas pelo contrário, deveria ser pelo respeito que lhe é conferido por direito.

Além da invisibilidade, é possível afirmar que há um descaso no tratamento destes profissionais que são ofendidos e manipulados para que tenham um comportamento retraído que coincide com a invisibilidade social que lhes é apresentada. Fernando Braga da Costa (2004) aborda a violência material e simbólica que ganham corporeidade na inibição do riso e da voz. No contexto histórico que se apresenta na atualidade e também nas vivências destes profissionais que são representados por meio de comandos e desprezos por parte dos gerentes, funcionários (e demais pessoas que estão no topo da pirâmide social de trabalho), é possível afirmar que os espaços sociais são vividos de modo a invisibilizar os trabalhadores e as trabalhadoras dos serviços gerais. Conforme nos apresenta Braga (2004),

A humilhação marca a personalidade por imagens e palavras ligadas a mensagens de rebaixamento. São mensagens arremessadas em cena pública: a escola, o trabalho, a cidade. São gestos ou frases dos outros que penetram e não abandonam o corpo e a alma do rebaixado: o adulto e o idoso, já antes o jovem ou a criança, vão como que diminuir, vão guardar a estranha e perturbadora lembrança de quem a eles se dirigiu como quem se tenha dirigido ao inferior (BRAGA, 2004, p. 19).

Serviços gerais pode ser definido como uma profissão que tem como função principal a limpeza e conservação do ambiente de trabalho. Embora sejam atribuídas outras funções como serviço de natureza administrativa simples, solicitação de assinatura em livros de protocolo, entre outras. Mas erroneamente só são atribuídos os serviços braçais sofrendo então a desigualdade social e invisibilidade. Juliana Porto (2007) conceitua a invisibilidade social e mostra que este termo “tem sido aplicado em geral, quando se refere aos seres socialmente invisíveis, seja pela diferença, seja pelo preconceito, o que nos leva a compreender que tal fenômeno atinge tão somente aqueles que estão à margem da sociedade”.

A demanda para um profissional de serviços gerais é muito intensa. Onde a sua grande maioria são mulheres, negras e as principais provedoras da sua casa. É nesse contexto que essas pessoas lidam em seu dia a dia precisando "matar um leão a cada dia".

Sempre nas rodas das conversas entre um intervalo e outro, até mesmo nos encontros para tratarmos de reuniões referente a nossa categoria, volta e meia falamos das situações recorrentes na nossa atividade laboral vivida por algumas colegas. Dentre essas narrativas houve duas que muito chamou minha atenção: uma aconteceu com minha colega que chamarei de Chirlei.

Chirlei trabalha em uma escola pública ela é SG⁵ mas distribui merenda da escola e recolhe os copos dos alunos (coisa que sabemos que não pode, pois quem lida com limpeza não pode manusear a merenda escolar). Certa feita foi chamar os alunos para o lanche e uma das alunas a chamou e lhe disse: “professora, já merendamos”. Tinha uma coleguinha dessa aluna e logo repreendeu a companheira afirmando: “ela não é professora, não. É a tia que limpa o chão que a gente suja. Ela limpa o banheiro, distribui a merenda, não é professora, não”. Minha colega ficou indignada, não pelo fato de a aluna reconhecer que ela não era professora, mas foi a forma que foram colocadas as duas atividades.

Em outra situação tinha o gestor da escola que às vezes alterava a voz para falar com as “meninas da cozinha” (forma como somos tratada na maioria das vezes). Ele chegou na cozinha e deparou com a colega colocando os copos emborcados sobre o balcão, em um rompante pegou todos os copos lavados e jogou no chão sem dar chance de, pelo menos, a colega retirar daquele local já que para ele era inadequado. Com essa atitude ela chorou bastante devido a humilhação dela ter que abaixar para recolher todos os copos já que estavam todos limpos.

Observamos a questão da invisibilidade social constantemente, como por exemplo, nas mídias, como TV, rádio, redes sociais dentre outros. Sendo assim, não é assunto que observamos recentemente, mas sim, há décadas. Por essa razão, por meio de diversos trabalhos de pesquisas verificamos o quanto esta abordagem merece destaque, no intuito de mostrar a importância desses profissionais para nossa sociedade.

Em vista disso, um outro aspecto que vale salientar é o modo como a discriminação racial se faz presente. Diversos casos em que se buscou embasamento para o desenvolvimento deste trabalho, foi um grande número de mulheres trabalhadoras dessa área serem negras. Sendo assim, é fato que, de certo modo, a cor da pele também é uma variável para o aumento

⁵ Sigla dada para se referir às profissionais de Serviços Gerais.

desse descaso. Diante deste contexto, podemos ver nitidamente a falta de valorização do negro que está envolvido nessa atividade, ou seja, recebem em média um salário mínimo, não são muito prestigiados na sociedade, portanto, compreendemos, como uma invisibilidade social enfrentada por esses trabalhadores, que na maioria das vezes se calam diante de diversas situações por medo e por falta de apoio dos nossos governantes. Dessa forma, torna-se cada vez mais difícil o progresso no combate a esse tipo de discriminação. Pois, a nossa sociedade ainda é muito preconceituosa, e esses trabalhadores se sentem amedrontados, deixando de lado seus direitos como todo cidadão que merecem respeito em qualquer profissão.

Segundo Costa (2004), os sofrimentos não são enfrentados apenas psicologicamente, uma vez que são políticos. Por conseguinte, nota-se por assim dizer a invisibilidade pública neste contexto. Pois, o poder público não se preocupa com o que esses agentes de serviços gerais sofrem na sua dura rotina de trabalho, e nos diversos setores da sociedade. Assim, o descaso e o domínio arrogante de alguns chefes de diversos órgãos públicos e privados vão prevalecendo sem controle, e humilhando cada vez mais esses trabalhadores que, se tornam sem valor e apoio moral numa sociedade que não os representam, priorizando apenas trabalhadores que ocupam cargos mais elevados, sendo assistidos com mais igualdade e prestígio moral.

Compreendemos que a visão de mundo com que é empregada pela sociedade, torna o auxiliar de serviços gerais, sem nenhuma representatividade. Assim, o assunto é visto como algo normal, isso é visto com muita frequência nos próprios veículos de comunicação, como por exemplos, nas novelas, seriados, propagandas, dentre outros, e principalmente, o negro, o trabalhador de serviços gerais sendo tratado de forma humilhante. Além disso, a maneira desrespeitosa como esses seres humanos são tratados, é muito desumano, podemos observar como, as piadas envolvendo o negro e o pobre estão presentes nas mídias, e nenhuma atitude é tomada pelos governantes que tem o poder para fazê-lo.

Além disso, a dor psicológica e a frustração causada pela burguesia da nossa sociedade deixam esses trabalhadores totalmente desprovidos de valor e segurança dos direitos e deveres pertencentes a cada um. Então, respeitar o próximo e tratar os outros da maneira como gostaríamos de ser tratados é um dever de todos. Mas, infelizmente a invisibilidade pública não permite que a valorização desses trabalhadores de serviços gerais seja vista de forma respeitosa, sendo vista de maneira irrelevante e sem nenhum apreço que mereça atenção, pelos beneficiados com a higiene feita por essa mão de obra tão discriminada.

Ainda de acordo com Costa (2004), existe uma divisão social que estabelece uma autonomia do pensamento do trabalho aparente, ou seja, o trabalho intelectual que aparenta uma representação por assim dizer, falsa. Pois, aparentam, sobretudo, serem bons diante da sociedade, mais dentro da realidade não passam de mascarados que não valorizam o trabalho dos agentes de serviços gerais que na maioria das vezes, não tiveram oportunidades para crescimento profissional. Assim, muitos intelectuais usam falsamente uma aparência em defesa dessa classe de trabalhadores, mas na realidade não passam de movimento autônomo dos produtos desse trabalho.

Neste contexto, observa-se então, a chamada hipocrisia que forçosamente demonstrada é uma certa preocupação com a classe de trabalhadores considerados invisíveis, talvez na tentativa de se promover em busca de algum benefício ou reconhecimento que envolve interesses na maioria das vezes, político ou alguma forma de prestígio social.

Assim sendo, o trabalho da área de limpeza continuará sendo um caso tratado sem o mínimo interesse, pois a classe dominante se faz presente em todas as esferas da sociedade, tornado-se inatingível diante dos fatos, que embora evidentes, predomina, como mencionado nas palavras de Fernando Costa, que diz:

A ideologia interessa à classe dominante. Através dela, a realidade da dominação e exploração não pode ser compreendida como violência; assim sendo, a dominação e a exploração podem adquirir legitimidade. O fato de o trabalhador não recusar a segregação de funções, a baixa remuneração, os serviços degradantes, deve-se, sobretudo, à nefasta informação da ideologia; informações que cancelam verdadeiros motivos históricos e forjam motivos apaziguadores pelos quais uma classe inteira de homens está a alimentar servilmente uma outra (COSTA, 2004, p. 125).

Então, apesar do nosso país não existir escravidão, infelizmente, o negro continua sendo “maltratado” por um país que ainda permite que fatores históricos se infiltrem na mente de muitos da sociedade, deixando a violência tanto física como verbal atuar de forma desumana. Pois, apesar de alguns casos de justiça serem feitos, ainda é irrelevante diante do número de trabalhadores que são tratados de forma desigual em tudo, até mesmo pelo pagamento salarial do serviço prestado. Pois, serviços como esses que, na maioria das vezes ocorre o chamado desvio de função ou exploração das atividades desempenhadas no setor, tanto público como privado.

Dessa forma, analisamos através de diversas pesquisas bibliográficas e entrevistas verídicas que o sofrimento vivido por esse público, é algo que ocorre há séculos. Mas, infelizmente esses trabalhadores não conseguem denunciar por medo ou como muitos dizem,

consideração pelo empregador, apesar da dura realidade enfrentada pelos mesmos. Assim sendo, sabemos que existem alguns auxiliares de serviços gerais que conseguem denunciar seus chefes, mas, a maioria dos que fazem as denúncias tem um certo tipo de apoio, isto é, alguém em que possam confiar seus medos. No entanto, entende-se também que muitos apoiadores agem em busca de algum propósito, como por exemplo, questões referentes à política. Ou seja, alguém que esteja disputando algum cargo público. Então, o que mais verificamos são meros interesses próprios.

De acordo com Costa (2004), a humilhação social é um sofrimento ancestral e repetido. Sendo assim, o descaso com o trabalhador é vivenciado em diversos setores. Dessa forma, se aprofundarmos este assunto sem uma distinção de setores, levaríamos bastante tempo para discriminar o que muitos sofrem em atividades do ramo trabalhista, como por exemplo, roceiros, mineiros ou operários. Todavia, a luta por essa desigualdade continua passando despercebida por muitos, até mesmo pelos próprios atingidos, que encaram determinadas atitudes de seus superiores que são compreendidas como desumana, estes agentes, as encaram como algo natural.

No debate sobre a humilhação social é de fundamental relevância destacar as clivagens de gênero e raça para abordar esse processo, na medida em que estamos tratando de uma situação vivida por mulheres negras. Nesse sentido, nos apoiaremos em reflexões e lutas promovidas por Lélia Gonzalez, apresentadas por Cardoso (2014).

Lélia Gonzalez expõe em seus pensamentos a condição marginal na qual as negras e as indígenas estão inseridas nas várias esferas da sociedade brasileira. Ela discorre sobre um confronto crítico a partir de redefinições que relacionam essa categoria para melhor conhecimento da origem do racismo no qual as negras e indígenas são veiculadas na sociedade. Outra preocupação constante em seus pensamentos emerge da construção do modelo de dominação deixada por colonizadores de uma sociedade patriarcal da elite branca, que estigmatizou condições e representações categorizando a identidade pautada em uma esfera racista.

Tendo como base as teorias de Frantz Fanon, Lélia Gonzalez tratou dos danos psicológicos da subjugação nas quais negras e indígenas sofreram no período escravocrata que ainda é reproduzido na contemporaneidade.

Para o pensamento de Lélia Gonzales, a representação na qual está inserida a mulher negra se baseia em três contextos: *a mulata* como a representação de símbolo sexual, mercadoria da luxúria do homem branco e vulgarização do seu corpo, *a doméstica* é

referenciada como a mulher marcada em realizar os serviços domésticos. Entendemos também que na condição de trabalhadora de sua “senhora branca”, a mulher negra trabalhadora doméstica perde sua identidade e é invisibilizada, na medida em que é chamada como “dona Maria” (mesmo que seu nome não seja esse), assim, entendemos que elas têm suas experiências de vida homogeneizadas e fazem os serviços braçais que a elite branca não se sujeita a realizar. Por último, tem a *mãe preta* que é aquela representada por mulheres negras que aceitam a dominação e não rompem o silêncio, elas aceitam o jugo. A mãe preta também é representada pela afetividade e pela ama de leite que deixa os seus filhos só para cuidar dos filhos de sua senhora. Portanto é possível enfatizar que tais ideias ainda são reproduzidas no Brasil, não podendo então pensar numa realidade social utópica de igualdade para todas mulheres (considerando as clivagens de classe e raça).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi através das leituras para realização do trabalho de conclusão de curso que tive a percepção que a desumanização sofrida não era individual e sim coletiva. Embora muitos autores falassem pelas agentes de limpeza acredito que existem poucos trabalhos acadêmicos nos quais a própria protagonista (no caso auxiliar de serviços gerais) fala das suas labutas do dia-a-dia liberal de sua profissão.

Embora para alguns não reconheça que temos capacidade de galgar novos horizontes esse artigo é a prova viva que podemos desconstruir o pensamento que foi deixado na construção social que somos inferiores.

Uma das grandes dificuldades foi no ensaio que tive na época escolar conciliar o tempo do trabalho, faculdade e os afazeres domésticos em minha casa, já que precisaria de disponibilidade de tempo já que trabalho pela manhã e tarde.

A minha vinda para a Unilab pôde abrir um leque para o olhar crítico que vivemos em uma sociedade que como Manoel Querino descreveu, tinha suas preocupações pertinentes ao desprezo social e o destino de trabalhadores livres, cujo alvo era os pobres negros. E Manoel Querino conclui que além de “humilhado socialmente”, essas pessoas eram humilhadas e discriminadas culturalmente por se tratar da sua origem étnico-racial.

Nas leituras dos textos me identifiquei com quase todos, pois os autores e as autoras narravam as humilhações, os olhares de repúdio ou não olhares, mas dentre essas leituras me

identifiquei com o artigo de Cláudia Cardoso, principalmente quando ela trata das representações que referenciem as mulheres negras: *as mulatas*, na situação quando aquele senhor fazendo a proposta como se eu fosse uma mercadoria; *doméstica* é a referência que sempre coube para mim com negra, pobre teria que ser doméstica, pois, a secretária nesse caso teria que ter “boa aparência”. Já o da *mãe preta* como aquela submissa que deixa os seus filhos para cuidar dos filhos dos seus “senhores” brancos.



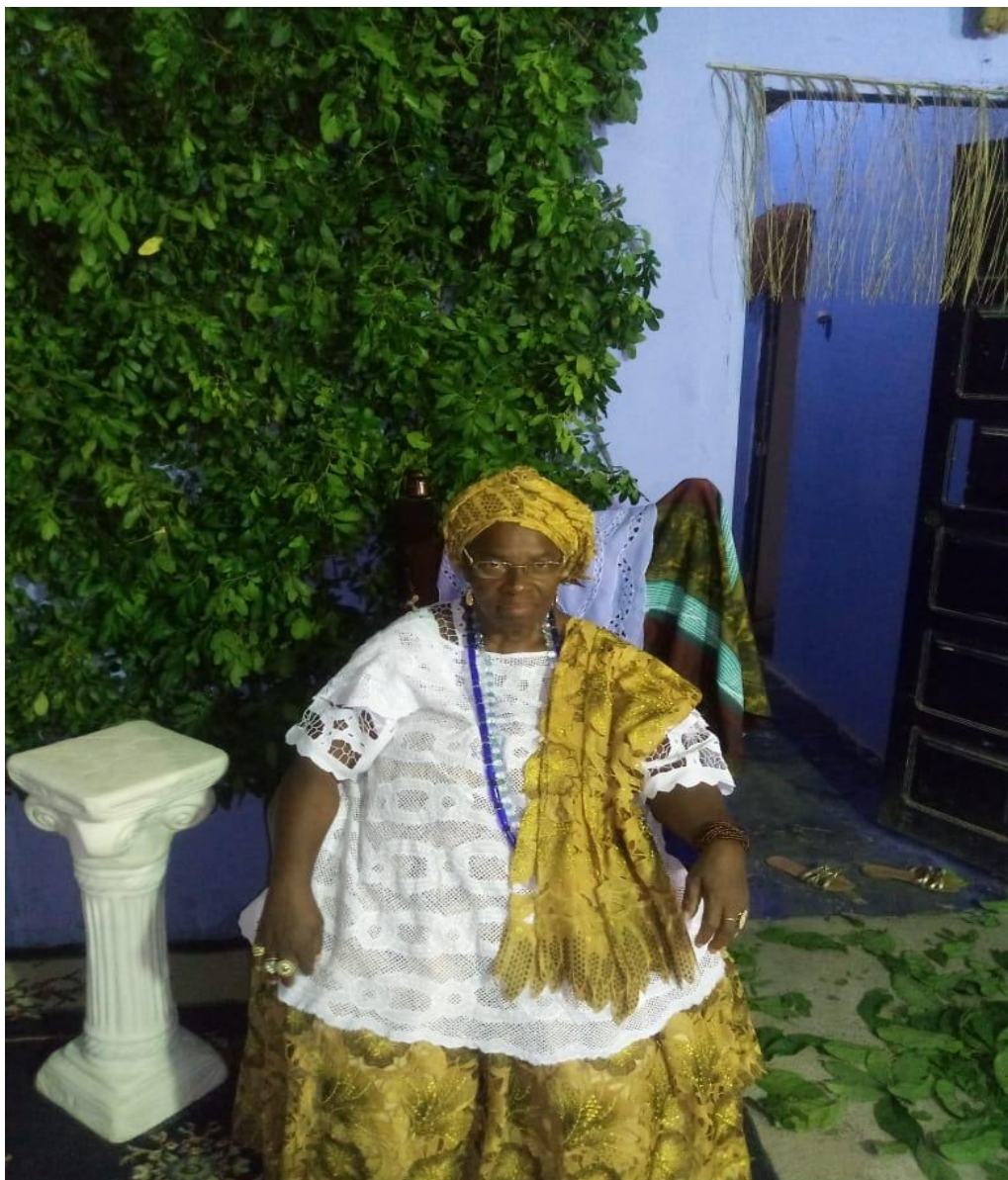
<http://www.ipatrimonio.org/?p=40242#!/map=38329&loc=-12.601017999999998,-38.96904899999999,17>



<https://pt-br.facebook.com/lobanekunfilho/>



Tirado do álbum da Família



Tirado do álbum da Família



Tirado do álbum da Família

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: O pensamento de Lélia Gonzalez. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014.

COSTA; Fernando Braga da. **Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Editora Globo, 2004.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra. **Nexo Jornal**, maio de 2017.

LEAL, Maria das Graças de Andrade. Manuel Querino. Narrativa e identidade de um intelectual afro-baiano no pós-abolição. **Projeto História**, São Paulo, n. 57, pp. 139-170, setembro – 2016.

PORTO, Juliana. **Invisibilidade social e a cultura do consumo**. Disponível em http://www.dad.puc-rio.br/dad07/arquivos_downloads/43.pdf , 2007.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **PLURAL**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24.1, 2017, p.214-241.